

TEMPO “BODÍSTICO”: a interação do tempo entre animais humanos e não humanos¹

Mauricio Guedes de Melo Júnior
PPGAS/UFRN – PPGS/UFPB

Palavras-chave: tempo ecológico; bode; cariri paraibano; interação de espécies

A região do cariri paraibano é conhecida pela criação de caprinos, com o objetivo principal de desenvolvimento econômico para a localidade. Como dizem os moradores locais “animal resistente”, pois são seres de fácil adaptação. E de verdadeira importância para todos que usufruem de seu potencial, seja alimentar, artefatos de couro ou seu lado simbólico. Animal sustentável, onde tudo se utiliza “até o berro”. Animal cultuado, animal sagrado, o rei do cariri. O bode pode ter inúmeras denominações a depender da pessoa que o descreve, e independe da classe social esse animal não humano é olhado com respeito, pelas diversas benesses para as regiões menos desenvolvidas economicamente. Essas relações não são unicamente econômicas, mas também simbólica. Vale ressaltar que além da temática desse trabalho, o animal é coroado e tem dicionário próprio, um verdadeiro ser real.

Metodologia

O contexto atual trouxe diversos desafios para pensar a metodologia utilizada para a realização da coleta de dados da dissertação. Como mencionado, tudo mudou em decorrência da crise sanitária mundial: tema, campo e métodos foram repensados. Muitos falaram que o *métier* do antropólogo foi “destruído”, pois não poderia efetuar suas pesquisas em campo. A disciplina, como sempre, atualizando-se a partir da conjuntura social, buscou novos meios para elaboração das etnografias. Assim, por meio dos recursos tecnológicos, antropólogos e antropólogas puderam continuar suas pesquisas de forma

¹ Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

remota, seja via WhatsApp, Instagram, Google Meet ou outros mecanismos de comunicação. Conforme Daniel Miller², não existe uma consistência na metodologia da antropologia, sendo assimilada no curso da etnografia. Desse modo, o antropólogo deve determinar sua metodologia de pesquisa mediante a sensibilidade e a compreensão da população local.

Levando em consideração as circunstâncias da minha pesquisa, decidi abandonar a ideia de uma etnografia por instrumentos virtuais. Os estudos seriam em uma região que não conhecia e que não possuía nenhum contato com algum morador. Dessa forma, era inviável cogitar uma etnografia virtual, observando que não conseguiria coletar dados suficientes para poder questionar verdades estabelecidas³. Assim sendo, empreguei o método etnográfico, considerado um momento crucial em que o pesquisador conseguirá conectar informações descontínuas e formar um conjunto de ideias⁴. Para tanto, considerei técnicas, como observação participante, entrevistas informais, dados arqueológicos, documentos museológicos, arquivos governamentais e registros fotográficos.

A pesquisa de campo dividiu-se em 2 etapas. A primeira, ocorreu por meio de uma viagem exploratória para o reconhecimento local e para adiantar questões burocráticas de moradia e transporte. A segunda, foi mais extensa, com duração de 31 dias ininterruptos. Nessa etapa, apliquei a observação participante, coleta de dados arqueológicos e museológicos, registros fotográficos e entrevistas informais. Ainda tentei empreender entrevistas estruturadas com base em questionários, mas essa modalidade não surtiu efeito. Por diversas vezes percebi que o pesquisado respondia com frases pré-montadas e não mostrava interesse no diálogo. Com a utilização das entrevistas informais e de perguntas abertas, pude perceber que o diálogo surgia com naturalidade e me permitia fazer perguntas diretas, com intuito de colher as memórias longínquas da vida do pesquisado⁵.

² Miller (2020)

³ Peirano (2014)

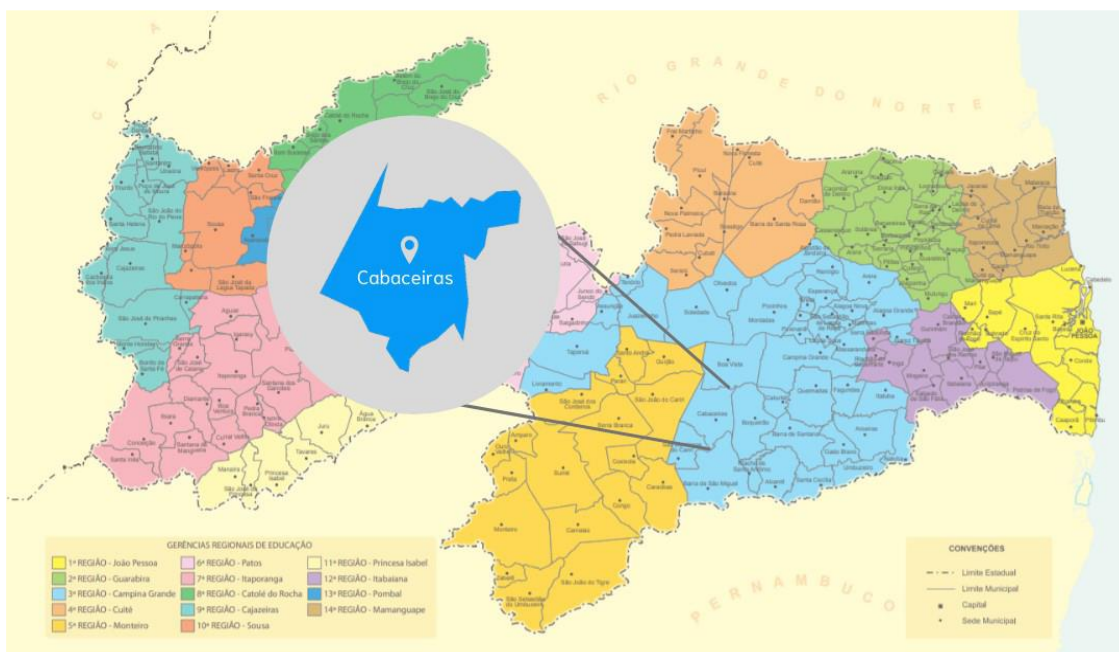
⁴ Lévi-Strauss (2008)

⁵ Bourdieu (2001)

Cabaceiras, a cidade onde o bode se torna rei

Para situá-los com mais eficácia a temática, descrevo inicialmente o campo de pesquisa. Para realizar os estudos referentes ao caprino, decidi explorar o município de Cabaceiras, cariri oriental, no Estado da Paraíba. O campo foi idealizado principalmente por causa da festa do Bode Rei, considerada a maior festividade caprina do mundo, evento que se coroa o Rei Bode. O município localiza-se, em média, a 213 km da capital paraibana, pertencendo à região intermediária da cidade de Campina Grande. Com clima semiárido e bioma predominante de caatinga, o município é o que menos chove no país — com chuvas esparsas e irregulares — a média nacional de precipitação são de 350 mm ao ano, segundo dados do extinto Ministério da Integração Nacional, hoje incorporado ao Ministério do Desenvolvimento Regional. A cidade possui 5.661 habitantes, área de unidade territorial de 469,171 km²⁶, índice de desenvolvimento humano de 0,611 e renda de 0,574, conforme dados do Programa das Nações Unidas para Desenvolvimento Humano - PNUD⁷.

Figura 1: Mapa da Paraíba



Fonte: Governo do Estado da Paraíba / Destaque da cidade pelo autor

⁶ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2010)

⁷ Programa das Nações Unidas para Desenvolvimento Humano - PNUD (2010)

Levando em consideração a dados de 1991, época em que a caprinocultura ainda não possuía a abrangência que tem atualmente, o Índice de Desenvolvimento Humano - IDH da cidade era de 0,352. O aumento é considerável para um município que sofre de secas extremas e migração da população em busca de novas oportunidades em metrópoles. Os níveis econômicos também são impactados, o que antes era de 0,452, atualmente é de 0,574, demonstrando um crescimento significativo para uma das regiões mais secas do país.

Esses dados preliminares foram essenciais para compreender o desenvolvimento econômico da cidade. As análises iniciais apontavam para o crescimento dos rendimentos proveniente da caprinocultura, pois foi na década de 80 que a produção da cidade começou a se transformar. Antes, a produção de alho era o principal segmento econômico da Cabaceiras, mas o mercado internacional mudou o ritmo econômico, forçando mudanças drásticas do modelo produtivo local.

Percebi, em minha estadia, um município de baixa atividade agrícola, por causa de ações climáticas, períodos extensos de seca e negligência governamental. A agricultura tem baixo rendimento e é considerada um investimento de alto risco para a situação local. Isso transparece com mais evidência na feira livre que, ao contrário de outros municípios interioranos, a feira de Cabaceiras é pequena e com poucas opções de frutas, verduras, legumes e hortaliças. Portanto, para o consumo desses itens alimentícios, é necessário optar pelos supermercados, com produtos advindos de outras localidades.

A caprinocultura é a principal produtora de renda do município, logo após as verbas federais e estaduais, salários dos servidores públicos, aposentadorias e pensões. Diversos são os segmentos que geram emprego e renda a partir da caprinocultura, um universo de oportunidades orquestrado por essa espécie companheira que proporciona à população permanecer em seu território com dignidade de sobrevivência.

História de fundação: o início da Cabaceiras e do Bode

O histórico de Cabeceira é uma evidência de como os fundadores olhava para região. A cidade é fundada a partir da doação das sesmarias pela Coroa Portuguesa a família Oliveira Ledo que tinha dois objetivos, a ocupação dos sertões nordestinos e a criação de gado para o abastecimento da colônia. A criação de gado permitia a ocupação

de lugares onde eram conhecidos como “terra de ninguém”⁸, mas o interesse dos Oliveiras Ledo era, principalmente, a criação das inúmeras cabeças de gado família detinha. Esse foi o principal motivo da expansão das terras para a Família.

A cidade de Cabaceiras surge através dos desmembramentos da família e a doação de um dote. Antônio de Oliveira Ledo seccionou as terras da família para dar ao então esposo de sua filha, Domingos Faria e Castro terras como dote de sua filha⁹. Indica-se que Antônio Ledo doou a Domingos Faria doze léguas de terra, que em medidas atuais equivaleriam a 43.200ha. Na sequência, este ergueu uma pequena capela em homenagem a Nossa Senhora da Conceição¹⁰ e, com isso, o marco zero do citado arraial.

A fundação da cidade de Cabaceiras tem sua história intimamente ligada ao judaísmo. Segundo estudos do Padre João José Rietveld, a família Oliveira Ledo era supostamente judia e por isso não tinha costume de construir igrejas. Ela estava mais preocupada em ficar de fora das garras da inquisição, que perseguia todos os que guardavam costumes judeus. Além das perseguições que a família Oliveira Ledo poderia sofrer consequências inimagináveis caso descobrissem sua descendência judaica, e ainda tinha o fato de perder as benevolências oferecidas pela Cora Portuguesa.

Levando em consideração as pesquisas realizadas pelo Padre João Jorge Rietvel, e realizando uma intersecção entre o judaísmo e os caprinos, podemos afirmar que a chegada do caprino foi realizada junto com o gado pelos fundadores por dois motivos.

O primeiro motivo se dar pela base alimentar dos adeptos ao judaísmo, que segundo o doutor em antropologia social, Carlos Andrade Rivas Gutierrez, em sua dissertação de mestrado intitulada “*Bnei anussim*”: uma experiência de judaísmo na periferia paulistana¹¹, demonstra que os judeus se alimentam de acordo com a *Kashrut* (leis alimentares do Judaísmo). Pela *Halachá*¹² (conjunto de leis e costumes que regem o judaísmo), os judeus podem comer apenas carne de bovinos, caprinos – animais ruminantes e de casco fendido – e de frango.

A segunda hipótese diz respeito ao costume dos moradores do distrito da ribeira elaborarem vestimentas, sapatos e outros artefatos a base de couro de caprino e bovino,

⁸ Lizia Agra Villarim e Virginia Pitta Pontual (2020)

⁹ Medeiros; Dinóia, 1989

¹⁰ Que atualmente é a Igreja Matriz da Cidade de Cabaceiras.

¹¹ Gutierrez (2011)

¹² Conforme a Congregação Judaica do Brasil, a *halacha* é formada de *Mitzvot* (mandamentos), que foram retiradas da Torah (d’oraita, que em aramaico significa: da Torah) das leis instituídas pelos rabinos (derabanan, que em aramaico significa: dos rabinos) e pelos costumes (minchag) estabelecidos pelas comunidades.

sendo o primeiro o mais utilizado. A percussora do artesanato a base de couro de caprino é a senhora Totonha Marçal, de origem judaica, conforme informações dos moradores do distrito em questão.

Hoje a cidade é conhecida através da festa que cultua o caprino, A Festa do Bode Rei, que tem como idealizador do projeto, o escritor Wills Leal¹³. Em dialogo com um informante local, Wills Leal conhecia muito bem a região do cariri paraibano, e idealizou a festa para demonstrar a importância da caprinocultura para a localidade. Quando o então prefeito, Arnaldo Júnior Farias Dôso, soube do projeto, convenceu Wills a desenvolver a festividade para dar visibilidade a Arteza¹⁴, cooperativa de curtidores e artesãos, que se localiza no distrito da Ribeira a 14km do centro de Cabaceiras. Local onde se creditada a costume de trabalhar com o couro do bode a Totonha Marçal, citada acima.

Em suma, o bode/a cabra fomentam um circuito econômico solidário que se desenvolve com o passar dos anos. Seja como alimento, vestimenta, medicamento e artesanato, o caprino é ator ativo transgressor na prática do desenvolvimento local do cariri paraibano. Por esse motivo, o estudo sobre a interação entre humanos e não humanos é essencial para compreender o motivo que esse animal não humano carrega o status de sagrado, chegando a ser coroado com rei e, com uma cidade se utiliza do caprino

¹³ Conforme a Academia Paraibana de Letras (APLPB), WILLS LEAL nasceu em 18 de setembro de 1936, em Alagoa Nova, Estado da Paraíba; filho do senhor Antônio Leal Ramos e D. Ana Meira Leal Ramos. Foi alfabetizado pelo seu pai, em seguida, frequentou o Grupo Escolar de Alagoa Nova, concluindo o curso primário. Na capital do Estado, continuou os estudos no Lyceu Paraibano e na Academia de Comércio Eptácio Pessoa; é graduado em Filosofia e em Línguas Neolatinas, pela UFPB., especializando-se em Língua e Literatura Francesa. É poliglota, professor, escritor e jornalista. Atua na imprensa paraibana, escrevendo artigos sobre cinema e turismo; já presidiu a Associação Brasileira de Jornalismo e Escritores de Turismo (ABRAJET). Professor aposentado do Estado, já tendo lecionado Língua e Literatura Francesa no Conservatório Antenor Navarro e na Escola de Formação de Professores. Nestas últimas duas décadas, desenvolveu atividades relacionadas ao turismo, exercendo o cargo de Diretor de Eventos e Operações, junto a Empresa Paraibana de Turismo – EMPETUR. Sempre ligado às atividades jornalísticas e de turismo, teve a oportunidade de viajar muito, conhecendo quase todos os países do mundo.

¹⁴ A história da Cooperativa inicia-se 1984, por causa do curtume da região. A ideia do projeto veio devido a existência de vários pequenos curtumes artesanais as margens do rio local, umas das únicas fontes de água potável da região. O objetivo do projeto foi à retirada dessas pequenas células de beneficiamento para um único lugar distante do afluente onde se pudesse ter todo o controle dos resíduos gerados. A prefeitura em parceria com o Governo do Estado consegue recursos para construção de um galpão e aquisição de algumas poucas máquinas, onde se inicia a inserção de máquinas no melhoramento das peles e couros. De início, a ideia não foi bem recebida por boa parte dos curtidores, devido falta de conhecimento do que estava sendo oferecido. No ano de 1988 uns dos curtidores mais atuante da região, o senhor José Carlos de Castro, participa de um curso de curtimento em peles caprinas e ovinas em um Curtume Escola do Couro, localizada em Campina Grande. Após aplicar o que aprendeu começou ter resultados muito significantes no melhoramento de seu produto, esse resultado fez com que outros curtidores também quisessem trabalhar da mesma forma. Depois de mais de 10 anos de busca e empenho, em 1998 surge a Cooperativa ARTEZA, um marco no artesanato local, pois trouxe uma visão mais abrangente de mercado, agregou valor a produtos já fabricados, trouxe novos produtos para serem fabricados e organizou os produtores estabelecendo regras e normas para a atividade.

para direcionar as atividades locais em favor do desenvolvimento de uma região onde era conhecida apenas pela miséria, fome, seca e falta de oportunidades.

Tempo Ecológico, tempo bodístico

Ao chegar ao município de Cabeceiras, cariri oriental Paraibano, me deparo com uma escultura imponente. A escultura era de um bode em tamanho real, de uma raça de origem africana, em meio a junção de duas praças, crianças brincavam ao redor da personificação do animal. Ao meu redor ainda existiam pinturas de bodes e cabras, agora de outras raças, nas paredes de algumas casas e prédios comerciais. E não parava por aí! Existiam imagens de bode no chão da praça, ao caminhar mais a frente tinha uma outra escultura, com um bode em cima de rochas e uma cabra amamentando em meio a uma representação de vegetação local com cactos, galhos de jurema¹⁵, babosas¹⁶, ou seja, a caatinga¹⁷.

A obra deslumbrante em frente ao Arraial de Liu dos 8 Baixos¹⁸, fornecia ao visitante uma dramatização da zona rural da cidade. Essa imagem portava a junção entre animal e meio ambiente, que eu encontrara algumas semanas mais tarde, nas propriedades de Mário¹⁹. Outro lugar que recheava meu olhar curioso eram as placas das lojas que, faziam referência ao animal não humano. A cidade vivia o caprino!

O primeiro impacto foi entender que a cidade respirava o caprino, o animal estava estampado em todos os lugares, e vale ressaltar que cheguei à cidade fora dos festejos e em plena pandemia do Corona Vírus, que já tinha ceifado a vida de mais de 255 mil brasileiros. Se para o senso comum, aquela cidade vestida de bode era apenas enquanto duravam as festividades, ela era parte da paisagem da cidade e do seu cotidiano, mesmo após a Festa do Bode Rei.

¹⁵ A jurema-preta é uma espécie de áreas sujeitas a secas periódicas, distribui-se no nordeste do Brasil, norte da Venezuela e Colômbia, México e El salvador. Utiliza-se ramos e folhas tenras como forragem para os animais; tronco para produção de madeira, lenha e carvão; raízes e cascas como fonte de tanino e remédio; flores são melíferas e na recuperação de áreas degradadas.

¹⁶ A Aloé Vera, conhecida popularmente por babosa Planta herbácea, suculenta, medindo até 1 m de altura. Tem folhas grossas, dispostas em roseta presas a um caule muito pequeno. As folhas quando cortadas deixam escorrer um suco viscoso, amarelado e amargo. É cultivada para fins medicinais e cosméticos, e cresce de forma subespontânea em toda a região Nordeste do Brasil. Prefere solo arenoso e não exige muita água. Multiplica-se por separação de brotos laterais.

¹⁷ Caatinga é a vegetação que predomina no Nordeste do Brasil e está inserida no contexto do clima semiárido.

¹⁸ Arraial em homenagem ao músico local Liu dos 8 Baixos

¹⁹ Terceira geração de sua família de criadores de bodes, cabras e ovelhas.

Quando me refiro a paisagem, quero demonstrar que o primeiro olhar para a cidade me deparo com várias formas de representação ao visitante que naquela localidade o bode exercia uma grande importância na vida e no cotidiano das pessoas locais.

Somente fui entender a lógica do tempo com o passar de algumas semanas da minha etnografia. Num primeiro momento, não é perceptível aos olhos pouco treinados na antropologia. E nenhum morador informa esse ato diretamente, apenas soltando breves indícios. O amanhecer na cidade de Cabaceiras, se tonara peculiar por não ouvir o famoso cacarejar do galo, as escutava-se o berro do bode logo no aparecer dos primeiros raios de sol. No dia seguinte, acordei mais cedo para observar, um pouco de longe esse fenômeno. Logo que o animal acordava emitia o som do berro, como um sinal de que o hora de soltá-lo era aquela.

Na minha concepção, a criação tinha um horário pré-determinado pelo seu criador, mas a lógica se invertia. O animal não humano era o que determinava a hora para ser solto em pasto nativo e se alimentar. Conseqüentemente, aquele era o horário do criador iniciar o laboro. Porém, a criação de bode é algo que alguns criadores dizem que pode ser realizada como uma atividade secundária, pois o animal é independente. Até certo ponto, e no primeiro diálogo não fica esclarecido essa independência, mas é algo que escutei com frequência.

Após anunciar o início de mais um dia no município, esse animal é solto e o mesmo caminha em filas quase que perfeitas em direção ao pasto. Fazendo uma analogia, essa fila se parecia com as filas que fazíamos para entrar na sala de aula após cantar hino nacional, em meu tempo de escola. Meu olhar de admiração e espanto era perceptível, pois não conduziam aquela criação, eles, os animais, já caminhava enfileirados para um dia livre do chiqueiro.

Após presenciar esse fenômeno, iniciei indagando várias pessoas sobre aquilo que via. Para mim, algo extraordinário, um *ballet* sincronizado, mas para os moradores algo do cotidiano. Toda aquela cena me remontava uma verdadeira experiência etnográfica²⁰, ou seja, algo totalmente imprevisível. Com o passar dos dias fui me familiarizando com aquele contexto. Nas palavras de Magnani, a prática mostra que aos poucos vai-se adentrando no universo do outro, que acaba perdendo essa capacidade de maravilhar, e termina tornando-se familiar ao observador.²¹

²⁰ Magnani (2009)

²¹ Magnani (1997)

Um segundo momento, que me depare com essa noção de utilizar o tempo do animal foi na entrevista que fiz com o diretor da cooperativa de leite da região, Mário. As propriedades que hoje ele administra pertence a sua família há três gerações. Na primeira tentativa de visitar e entender como se criava bode e cabras, não obtive êxito, pois não consegui transporte até a zona rural. Por volta das 17h me encontro com Mário e pergunto se não podemos ir até a fazenda, ele rapidamente responde “essa hora você não vai ver nada”. E combinamos para outro dia.

Passando uma semana, combinamos de nos encontrar nas propriedades de sua família, mas o horário não tinha tanta exatidão a meu ver. Ficou combinado que chegaria por voltas das 15h, e assim foi. Júnior, esposo de uma das minhas interlocutoras me levou até o destino, que por si só já era um desafio, pois nunca tinha andado de moto. Mas nas belas palavras de Mariza Peirano²², o trabalho do antropólogo é desafiador e esse necessita se desafiar, a cada momento, em prol de suas análises.

Júnior, muito atencioso, me deixou na dentro da propriedade e em frente a casa do veterinário responsável pela criação. Já se passava das 15h10min e ele apenas me disse “vou a cidade e já já volto... Mário chega daqui a pouco”. Eu muito curioso, fui caminhando pela propriedade para registrar com fotográficas o ambiente em que os animais ficavam, mas não encontrei nenhum por lá.

Por volta das 15h30min começo a escutar alguns berros vindo em direção a casa do veterinário. Me deslocando para lá, vou até os fundos da casa e através de uma cerca de arame farpado, vejo uma fileira bem alinhada de bode e cabras caminhando em direção ao chiqueiro. Mais uma vez sou surpreendido por aquela sinfonia. Nesse momento tentando fazer registros fotográficos, o dono da propriedade chega para abrir os chiqueiros, já que os animais dormiam separados. As cabras leiteiras de um lado e os bodes repousavam em outro ambiente.

Depois de me apresentar todo do complexo, o indaguei sobre aquilo que soltava aos meus olhos. Perguntei quem estava conduzindo aqueles animais, ele foi bem direto e disse: “ninguém! O animal conhece a hora de sair do chiqueiro e a hora de volta” e continuou “basicamente nosso trabalho é chegar logo cedo para abrir o chiqueiro e a tarde para fechar”

Ao retornar à cidade, fiquei reflexivo e tentando entender se tudo isso era uma característica de uma autonomia do animal ou uma questão de tempo. Pois o animal não

²² Peirano (2019)

humano delegava horários, seja para abrir o chiqueiro para ir ao pasto natural ou para seu retorno. Mas ninguém falava em horas exatas, do tipo: “vou colocar os animais no chiqueiro as 16h”.

Em outro momento, conversando com um funcionário público sobre a festa do Bode Rei, entre a programação e a tristeza por não a realizar no ano de 2020 por causa da pandemia. Me chamou atenção a data da realização da festa, que ocorre no final do mês de maio e início do mês de junho. Ele mostrava os encartes da festa anteriores, com tamanha alegria que me contagiava. Mas eu observava a maneira que essa festa era anunciada e as suas datas. A festa sempre tinha uma temática e um homenageado. Num dos encartes, mas precisamente do ano de 2011, a chamada fazia referência ao casamento real do Príncipe William e a duquesa de Cambridge, Kate Middleton. Colocando o casamento do Rei Bode e da Rainha Cabra como mais imponente. Nesse momento, fica claro que a festa tem como intuito, mesmo que indireto, a personificação do animal não humano.

Continuando as análises dos encartes, percebo que as datas não coincidem com um padrão em nosso calendário gregoriano. Não são datas fixas, mas que variam nos meses de maio e de junho de cada ano. Inquietado sobre as datas, o perguntei qual o motivo de não se definir uma data fixa. Ele, meio receoso com a resposta, fala que é por causa do concurso.

O concurso mencionado pelo informante local, é uma das atrações que ocorre na festa do Bode Rei. A cada ano se escolhe os animais através de sua beleza, e esse período compreende a fase em que o caprino tem seu maior embelezamento por causa do fim das chuvas no cariri. Enquanto estive em Cabaceiras as chuvas ocorreram nos meses de fevereiro e março, período que se tem a engorda e embelezamento do animal não humano, isso ocorre pois é nesse mesmo período que a vegetação da caatinga modifica. Facilitando assim, a alimentação do animal.

Apesar da população do cariri não figurar no rol dos povos tradicional, que na concepção de Mariana Pantoja²³ inclui seringueiros, castanheiros, extrativistas, agricultores familiares, ribeirinhos, pescadores artesanais, quilombolas e os povos indígenas. Ainda segundo a autora, a definição de povos e comunidades tradicionais, elástica e política, considerando que ela recobre grupos locais não hegemônicos com um senso de pertencimento e uma territorialidade própria, com cosmologias e formas

²³ Pantoja (2018)

particulares de organização social, cujas atividades dependem de uma estreita interação com o ambiente natural, do qual possuem um conhecimento diferenciado, e que vivenciam situações de conflito que ameaçam seu modo de vida. Complementa Fernanda Huguenin²⁴, as populações tradicionais diferenciam-se na modernidade, entre outros aspectos, pela forte interação com o ambiente (o território e os ciclos temporais), pela interpretação simbólica, mítica e o ritual da natureza. Assim, enquanto o homem moderno guia-se pelo tempo do relógio, linearmente voltado para o progresso da tecnologia, da ciência e do consumo, o homem que vive em grupos tidos como tradicionais, associa suas atividades para o ritmo da natureza. Que nesse caso, é o ritmo de um animal não humano.

Vivenciando a rotina dos criadores de bode percebe-se que pode ser classificado como povo tradicional, pois estão estritamente ligados ao meio ambiente e a fauna da caatinga. Esse “novo ambiente” conduz os locais a suas atividades de acordo com um “tempo ecológico”, que aparece na leitura antropológica por meio da obra, *Os Nuer: uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota*, do antropólogo E.E. Evans-Pritchard. Onde para o autor o povo nilota exerce suas atividades baseadas nas temporadas de chuvas e de estiagem, onde seu relógio e calendário é através do universo natural, por isso, quando perguntado sobre a mudança da data da Festa do Bode para o final do ano, fui logo interrompido com um “não pode”. Assim corroboro com as palavras de Evans-Pritchard, o tempo não possui o mesmo valor durante todo ano²⁵. A partir dessa breve descrição demonstro como a relação de tempo entre os criadores de bodes e os bodes em Cabaceiras se dá por meio de uma interação entre animal não humano e meio ambiente.

²⁴ Huguenin (2010)

²⁵ Evans-Pritchard (1978)

Referências

- BOURDIEU, Pierre Félix. **A Miséria do Mundo**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- EVANS-PRITCHARD, E. E. Tempo e espaço. In: Os Nuer: uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo Nilota. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- GUTIERREZ, Carlos Andrade Rivas. **Bnei anussim”:** Bnei anussim”: uma experiência de judaísmo na periferia paulistana. 2011. 189 p. Dissertação (Mestrado) - USP, São Paulo, 2011.
- HUGUENIN, F. P. da S. O desencaixe moderno: o “tempo ecológico” de populações tradicionais. Revista Vértices, [S. l.], v. 7, n. 1/3, p. 27–36, 2010. DOI: 10.5935/1809-2667.20050003. Disponível em: <https://essentiaeditora.iff.edu.br/index.php/vertices/article/view/1809-2667.20050003>.
- IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA .**Censo Brasileiro de 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.
- LÉVI-STRAUSS, C. **Antropologia estrutural**. São Paulo: Cosac Naify, 2008.
- MAGNANI, J. G. **O velho e bom caderno de campo**. Revista Sexta Feira, n. 1, p. 8-12, maio 1997
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. Etnografia como prática e experiência. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 15, n. 32, p. 129-156, 2009.
- MEDEIROS, Tarcízio Dinoá; DINOÁ, Martinho Medeiros. **Ramificações Genealógicas do Cariri Paraibano**. Brasília: CEGRAF, 1989.
- MILLER, Daniel. Como conduzir uma etnografia durante o isolamento social. Youtube, 3 de maio de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NSiTrYB-0so>.
- PANTOJA, Mariana Ciavatta. Conhecimento tradicionais: discussão conceitual. **VII Coloquio Internacional As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazonica**. 2018.
- PEIRANO, Mariza. **Etnografia não é método**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, v. 20, n. 42, p. 377-391, dez. 2014
- PNUD - PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO. **Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil 2013 (Com dados dos Censos 1991, 2000 e 2010)**. Brasília: PNUD, 2013
- Villarim, Lizia Agra e Pontual, Virgínia Pitta. De Povoado Colonial Português À Roliúde Nordestina: As Transformações Urbana E Cinematográfica Da Cidade De Cabaceiras-PB. **MNemosine**, Campina Grande, v. 11, n. 2, 2020.